



Poéticas do infraordinário: encontros interfronteiriços entre arte, ciência e educação

Infra-ordinary Poetics: cross-border encounters among art, science, and education

Gloria Jové Monclúsⁱ
Universidade Autònoma de Barcelona

Antônio Almeida Silvaⁱⁱ
Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo

Apresentamos ao leitor alguns cenários que narram encontros interfronteiriços entre o Brasil e a Espanha, através das poéticas infraordinárias, que são nada mais do que práticas transdisciplinares entre arte, educação e ciência, que exercitam outras maneiras de olhar o cotidiano através da arte. Nosso objetivo é mostrar as possibilidades dos encontros de arte e docência em Lleida e como a arte contemporânea nos ajuda a pensar as ciências de forma distinta. Apresentamos algumas experiências de práticas vivenciadas em Lleida, através dos encontros com as produções de artistas contemporâneos e espaços acadêmicos e culturais. As poéticas do infraordinário fazem do exercício da pesquisa uma prática transversal e rizomática, tais práticas experimentam através dos processos artísticos novas estratégias educativas para pensar o contemporâneo.

Palavras-chave: Infraordinário, arte, ciência, educação, prática educativa.

Abstract

We present to the reader some scenarios that narrate cross-border encounters between Brazil and Spain through the poetics of the infra-ordinary, which are nothing but transdisciplinary practices among art, education and science, which exercise other ways of looking at everyday life through art. Our objective is to show the possibilities of the art and teaching encounters in Lleida and how contemporary art helps us think about the sciences in a different way. We present some experiences of practices lived in Lleida, through the encounters with the productions of contemporary artists and academic and cultural spaces. The poetics of the infra-ordinary turn research practice into a transversal and rhizomatic practice. Through artistic processes, such practices experience new educational strategies for contemporary thinking.

Keywords: Infra-ordinary, art, science, education, educational practice.

Enviado em: 05/04/19 - Aprovado em: 03/06/19

Gretas, ranhuras e superfícies introdutórias

A imaginação como um instrumento de conhecimento criador não menos rigoroso que o fornecido pela ciência (GRIPPO, 2016, p. 25).

Aqui quem vos fala é puro contágio, força essa que se escreve por movimentos e afetos que nascem, ou melhor, brotam do encontro com as interferências da filosofia, educação, arte e ciência através de algumas experiências vivenciadas durante os meses de agosto a novembro de 2018 na Universidade de Lleida (UdL) na Espanha.

Deixemo-nos movimentar visceralmente nesses encontros interfronteiriços entre planos de imanências¹, composições, didáticas, referências e assim seguimos inventando situações, aproximações e superfícies de contato entre pontes movediças, onde experimentam-se cruzamentos interespecíficos entre as proposições da ciência, as afecções da arte e as práticas educativas.

Como a arte contemporânea nos ajuda pensar as ciências e outras práticas educativas de forma distinta? (JOVÉ, 2017) como descrever a potência do gesto dos encontros interfronteiriços? O que essas diferentes metodologias tendem a experimentar quando são invadidas pelo extraordinário? Que práticas investigam? Quais tipos de ciências e educação produzem?

Nossa metodologia de escrita é de apresentar ao leitor alguns indícios, cenários que narram encontros e poéticas infraordinárias, vivenciadas em diferentes lugares da cidade de Lleida². Encontros interfronteiriços que se estabelecem em diferentes lugares do Brasil e da Espanha.

Assim, o presente texto ziguezagueia e ensaia fragmentos escritos, que tentam descrever as aventuras do ato de pesquisar, esse exercício, que é ao mesmo tempo uma aventura, nos leva para mundos desconhecidos e direções inusitadas. Entendemos a pesquisa como a própria narrativa a ser inventada, sem meta, ou uma única metodologia. A pesquisa

¹ Encontros entre planos de imanência faz referência às leituras em Gilles Deleuze e Félix Guattari, (2010).

² Lérida ou Lleida é uma cidade e município da província de homónima, da qual é capital, na comunidade autónoma da Catalunha, na Espanha. Fica aproximadamente 160 km de Barcelona.

como um processo e não como um fim. A pesquisa como um conjunto de acontecimentos. O pesquisador como um errante viajante que navega por mares e terras distantes. Um argonauta contemporâneo que faz da pesquisa uma aventura, onde o prazer está em descobrir. Tal qual um navegador, o pesquisador se arrisca a atravessar o mar em busca de ilhas desconhecidas com o único intuito de conhecer, sem certezas, sem convicções, somente pela vontade incansável de conhecer. Tal como descreve Gilles Deleuze (2013) em *Conversações*:

... ir verificar alguma coisa, alguma coisa de inexprimível que vem da alma, de um sonho ou de um pesadelo, que mais não seja saber se os chineses são tão amarelos como se diz, ou se certa cor improvável, um raio verde, certa atmosfera azulada e purpúrea, existe de facto algures, lá longe. O verdadeiro sonhador, dizia Proust, é o que vai verificar alguma coisa... (DELEUZE, 2013, p. 104).

Numa aventura quase que solitária, o pesquisador experimenta outras maneiras de ver o problema de pesquisa³. Com objetivo de construir uma cartografia/arquivo de artistas que trazem em sua proposta ou produção um diálogo com a ciência e com a natureza.

O artigo⁴ se apresenta aqui através de uma escrita não linear, atravessada pela poética de Manoel de Barros e João Cabral de Nelo Neto alicerçada pela filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari; buscando outras formas de olhar a natureza, através do conceito "minor gesture" de Erin Manning; por fim, somos o tempo todo influenciados pelo conceito "L'Infra-ordinaire"⁵ trazido pelo escritor Georges Perec, bem com outras fissuras e derivas de pensamentos trazidas por outros pensadores.

Escrevemos algumas práticas que atravessam os oceanos e produzem ressonância e ondulações nas correntes marítimas da experimentação, onde a ciência inventa outras possibilidades metodológicas através do contágio com a pedagogia.

Traçamos linhas que atravessaram continentes e são ao mesmo tempo atravessadas pelo encontro com as obras de arte e as práticas educativas em Lleida. Onde essas metodologias traçadas na pesquisa nos direcionaram para encontros entre educação, ciências e arte. Práticas interdisciplinares que buscam na natureza sua expressividade, alicerçadas por formas alternativas de pensar a pesquisa e ao mesmo tempo descoladas pelo fluxo e ondulações, como embarcações dispersas. Uma prática interfronteiriça arrastada por uma

³ As práticas do extraordinário vivenciadas em Lleida fazem parte de um movimento metodológico do pesquisador e estratégia de pesquisa na construção da Tese "Laboratório dos despropósitos: vestígios entre a arte e a ciências".

⁴ O presente artigo se aventura nas experiências de um trabalho colaborativo entre práticas artísticas trazidas pela ciência e vivências e projetos construídos na formação de professores de pedagogia durante uma proposta colaborativa (UNICAMP/UEFS e UdL). Nosso objetivo é mostrar as possibilidades dos encontros de arte e docência em Lleida e como a arte contemporânea nos ajuda pensar as ciências de forma distinta.

⁵ Infraordinário. Conceito do escritor francês Georges Perec presente em seu livro póstumo *L'Infra-ordinaire*.

multiplicidade de combinações e metodologias que desafiam as concepções tradicionais de fazer pesquisa. Movimentos e deviras trazidos pelas metodologias emancipadoras e alternativas vivenciadas na Universidade de Lleida (UdL), na Catalunha – ES.

Foram dois meses de pesquisa e trabalho cooperativo na Universidade de Lleida sobre a supervisão de Glòria Jové. O pequeno argonauta, aprendiz de professor, vivenciou práticas de docência compartilhada, que atravessavam as fronteiras da didática e da ciência, buscando através da arte outras formas de educar.

Um encontro não por acaso entre o pequeno pesquisador argonauta e a professora das didáticas extraordinárias. O pequeno viajante tinha desejo de juntar a ciência com a arte, e nessa busca por conexões (im)próprias encontrou nas práticas educativas de uma professora que morava na Catalunha um jeito especial de fazer pesquisa, ela tinha diferentes maneiras de aproximar as práticas artísticas e pedagógicas nos contextos de aprendizagem. Para aquela professora todo lugar era lugar para aprender, desde a beira de um rio, um beco de rua, uma casa abandonada, o pátio da escola, o museu e seus arredores, todos esses espaços poderiam ser nichos de encontros improváveis entre arte, educação, filosofia e ciência.



Figura 01. Rio Segre em Lleida. Imagem do vídeo arte realizado pelo grupo Arrels y Brots⁶

Aquele encontro entre o jovem e a professora era necessário, pois já tinha no encontro possibilidades primitivas de contágio, principalmente, através do intercâmbio entre práticas artísticas, científicas e educativas. O menino pesquisador e a professora das

⁶ Itinerário Poético do grupo Arrels i brots, de Anna Solans, Ares Alsina, Izaskun Ugarte, Laura Abadal, Maria Ginestà, Xènia Alberich y Zoila Suárez. <https://www.youtube.com/watch?v=mS8UVr1wCCk>

práticas do ínfimo experimentaram criar instâncias específicas de diálogo e convívio com coisas (in)distintas. Aquela senhora tinha diferentes maneiras de aproximar as práticas artísticas aos contextos de aprendizagem. Ela carregava um museu em baixo do braço. Tinha inclinações para subverter as metodologias tradicionais, experimentando com a arte outras práticas educacionais.

Práticas em Lleida se davam rotineiramente, através dos encontros com as produções de artistas contemporâneos e espaços acadêmicos e culturais que abriam intervalos para pensar nas relações entre a didática e o fazer ciência.

O menino pesquisador, com seus “olhos de descobrir”, experimentava novas condições para as práticas de ciências, ele e a professora das metodologias arte-versa exercitavam inúmeros protocolos sobre as coisas incertas.

As práticas incertas criaram oficinas/laboratórios de experimentação entre arte, ciência, educação e filosofia. Tais laboratórios agenciavam temas de importância para as práticas educativas dos futuros professores de pedagogia⁷. Alguns temas invadiram as práticas como ideias forças, tais como: vivo e não vivo, natural, artificial e mineral, pedras e vidas minerais, folhas e suas (inter)relações, entre outros temas que trazem desafios as práticas pedagógicas.



⁷ Podemos substituir o termo pedagogia por “Professores de educação primária”, assim como é chamado na Udl, maestros, futuros docentes frente a diversidade das aulas no século XXI.

Figura 02. Intervenção realizada com o grupo de professores de formação em atenção à diversidade no cemitério de Lleida após 01 de novembro, festa de todos os Santos.

Essas didáticas dos despropósitos traziam de certa maneira novas incontingências para a ciência. A sala de aula passa agora a ser um lugar para que o extraordinário se instaurasse.

O menino conseguiu pôr em prática algumas vontades que tinha com as ciências, ele queria desinvernizar as práticas tradicionais das ciências, tinha vontade de dar existências às pedras, tratá-las por igualdade entre outros seres.

Com a ajuda da senhora professora das pedagogias abstêmicas, o menino aprenderá a criar relações e conexões indiretas com as imagens e a criar laboratórios dos despropósitos. Um desses laboratórios inventados foi o "Laboratório entre a Terra e o Cosmo⁸", quando o menino aceitou o convite feito pela senhora das pedagogias extraordinárias para tirar das pedras existências primitivas e devolver o animismo à geologia.

Tal como o menino, aquela senhora tinha hábitos estranhos e em sua bolsa carregava uma coleção de imagens nada abstêmicas e alguns brócolis romanescos. Tinha o costume de costurar linhas e palavras em torno desses brócolis, ela admirava a geometria dessas coisas. Inventava conexões impróprias com a arte, criava entre a arte e a educação um "espai hibrid⁹". Além de colecionar imagens, ela inventava uma maneira atravessada de se comunicar por meio de mapas conceituais: qualquer coisa apresentada à dona extraordinária virava um diagrama.

Com a presença do menino pesquisador das ciências oblíquas, a senhora do extraordinário expandira suas possibilidades metodológicas, buscando através da arte formas distintas de ensinar ciências, podendo atravessar conteúdos científicos pelo trans/inter/disciplinar.

Em setembro de 2015 o grupo de investigação "Espai hibrid"¹⁰ conjuntamente com os estudantes da Universidade de Lleida e com os trabalhadores da pedreira da empresa Sorigué¹¹, os estudantes, professores colaboraram na elaboração da instalação "In the begining was..." que Shiharu Chiota¹² realizou na Fundação Sorigué de Lleida.

8 Ver a tese: SILVA, Antonio Almeida da. Laboratórios dos Despropósitos: vestígios ecológicos entre arte e ciência. 2018. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/332709/1/Silva_AntonioAlmeidaDa_D.pdf.

9 Grupo investigativo coordenado por Glòria Jové na Universidade de Lleida na Espanha, que se interessa em pesquisar o aporte da arte contemporânea para o desenvolvimento do currículo escolar. Para maiores informações consulte o site: http://www.espaihibrid.udl.cat/?page_id=20.

¹⁰ <http://www.espaihibrid.udl.cat/?p=444>

¹¹ Trabalhadores na extração das pedras na empresa Sorigué.

¹² Chiharu Shiota - artista plástica japonesa nascida, atualmente mora e trabalha em Berlim. A grande maioria dos seus trabalhos é voltada para instalações, muitas delas envolvendo linhas de diferentes cores, mas também o artista produziu performances, videoarte, desenhos, pinturas — refletindo sobre o cotidiano, memória, identidade, dor entre outras questões sociais.

Três toneladas de pedras penduradas a mais de 300 quilômetros de fios de lã preta formando um intrincado tecido escuro, uma grande teia de aranha estendida em um espaço de 440 metros quadrados, trancando uma impactante instalação, ao mesmo tempo intimista e monumental, capaz de transportar “para a origem de tudo, ao Big Bang, a grande explosão”. Este cosmo sugestivo, onde a luz converte as pedras em planetas e estrelas, não é em vão que o título “In the beginning was...” Pedras e Cosmos que nos ligam as constelações. Shiota, que costuma em suas obras explorar a relação entre o corpo humano e a memória, ficou bastante impressionado quando visitou pela primeira vez a pedreira do grupo Sorigué em Balaguer, observou como as pedras caíam das máquinas. Ele disse: “Fiquei muito impressionado ... o barulho que eles fizeram ... E eu pensei em usar as pedras para parar o tempo, para-las antes de tocar o chão, mantendo-as suspensas com fios de lã preta. O fio preto sugere uma conexão com o universo, a cor preta é algo universal, conecta-se com o cosmos “- Com a pedra quis simbolizar uma origem dupla, aquela do universo e humanidade e a Fundação Sorigué” Foi à primeira vez que Shiota utilizou pedras em suas obras¹³. “É foi também a primeira vez o uso de um material sem uma memória pessoal, contudo, a pedra tem energia. ” Também foi a primeira vez que os trabalhadores da pedreira que transformava as pedras em cascalho puderam se envolver e participar na construção de um projeto artístico.

Disse um desses trabalhadores: “lá nós esmagamos as pedras para usá-las como materiais para a construção e aqui as tratamos como “rainhas artísticas”.

¹³ Periódico <http://www.elperiodico.com/es/noticias/ocio-y-cultura/big-bangchiharu-shiota-4570747>

Durante o ano letivo de 2015-2016, houve a exposição da obra "In the beginning was..." como contexto de aprendizagem na formação inicial para futuros mestres e professores de diferentes escolas que buscam através de cursos se atualizarem através de atividades de formação contínua. Nesse curso formativo muitas narrativas foram geradas e a instalação nos ajudou a pensar e repensar nossa prática profissional, colocando-nos como seres humanos no cosmos.



Figura 03. Intervenção feita pelo Mireia Farrero colocando uma miniatura em humanos na instalação. Escala entre o cosmos e a humanidade para nos ajudar a tomar ações e melhorar as formas de vida humanas e planetárias.

Alguns depoimentos de alunos, futuros professores narram essa relação entre arte, ciência e educação através da intervenção da obra Chiharu Shiota.

Anna Solans estudante futura maestra afirmava¹⁴:

"Si observo el entramado de los hilos con las piedras, veo que todo está relacionado, que una piedra me lleva a otra piedra, pasando por muchos caminos distintos y ello nos lleva a reflexionar que en la practica docente existe mucha planificación y mucha compartimentación de los aprendizajes, que no potencia las relaciones y las conexiones".

¹⁴ Optamos em não traduzir os depoimentos dos alunos.

Aina García estudante futura professora afirmava: *"La curiosidad y las ganas de aprender me llevan a un viaje al universo de la mano de Chiharu Shiota. Cientos de piedras suspendidas en la oscuridad....un instante congelado de la historia de la humanidad y del cosmos que te abre la puerta a múltiples narraciones"*

Laia Ariño estudante futura professora afirmava: *"compartimos pensamientos, nos hacemos preguntas: ¿porqué las piedras? ¿Donde estamos? Sorigué es una empresa que se dedica a la construcción y la matéria primera de la construcción es la piedra. La artista incorpora la piedra en la instalación conectando el início del universo con el início de Sorigué"*. Nos encontros com a exposição os alunos recolhiam uma pedra e inter-relacionava com outras propostas dando outras narrativas e existências as pedras.

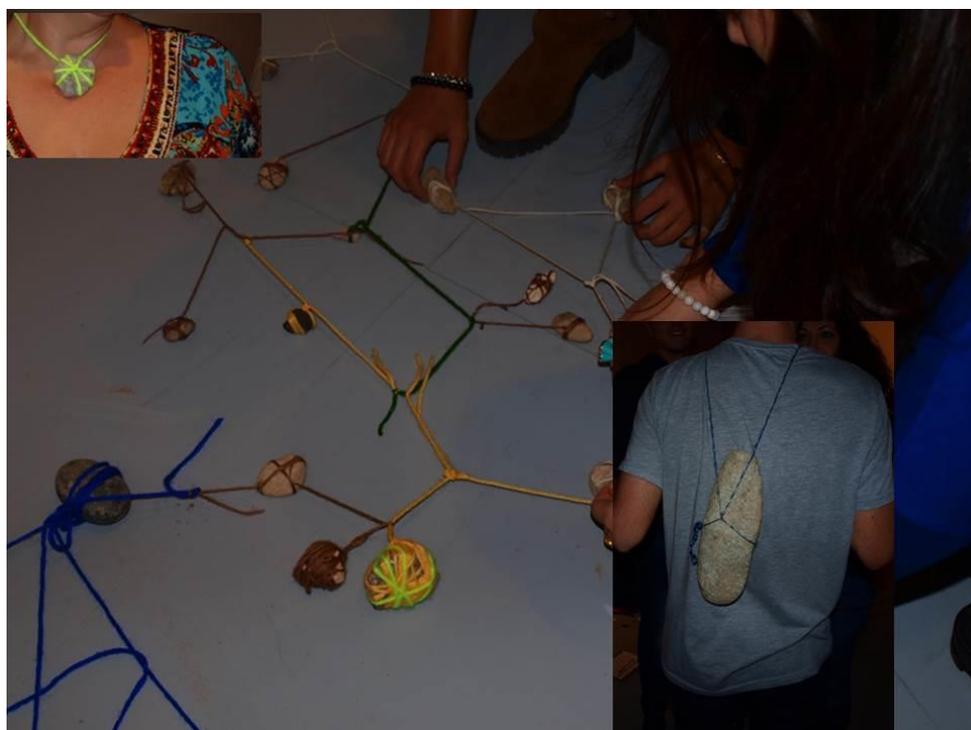


Figura 04. Mapa de relações entre as pedras e lãs.

Diferentes narrativas e discursos puderam ser construídos através das intervenções dos alunos, as pedras foram coletadas, deslocando narrativas da obra para outras propostas, outros jogos visuais e estéticos.



Figura 05. Ariadna Domingo, “Homem em miniatura no Campus Universitário”.

As pedras ganharam outras territorialidades ao serem deslocadas para outros discursos e narrativas onde estabeleceram diferentes relações com a materialidade das pedras e sua relação com o espaço, desafiando sua relação com o humano em diferentes escalas e composições. Contudo, as ações focavam no ensino-aprendizagem de conceitos educativos e as relações se estabeleciam somente dentro do campo da pedagogia, sem concretizar projetos e conexões com outras práticas e saberes. As ações eram muito pontuais, presa em modelos e conceitos, onde as pedras serviam apenas como metáfora para pensar as práticas pedagógicas.

Em junho de 2017, em uma visita a Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, a senhora do extraordinário teve a oportunidade de conhecer o grupo de Pesquisa Humor Aquoso da Faculdade de Educação da Unicamp e o trabalho colaborativo sobre as pedras coordenado pela professora Susana Dias e Sebastian Wiedemann na disciplina: Arte, ciência e tecnologias (Labjor/IEL/Unicamp). Tal projeto levou a senhora das práticas extraordinárias a pensar em diferentes metodologias com o tema das pedras.

As provocações trazidas por Susana e Sebastian permitiram dar ao projeto das pedras outras possibilidades, pois, a obra de Shiota até então não estava sendo um elemento disparador para “frequentar as lições da pedra, de fora para dentro”¹⁵.

Com a ajuda do menino pesquisador, através de pequenos gestos, a senhora do infraordinário inventou outras possibilidades de experimentar a ciência e a pedagogia acessando as práticas das pedras através de outras perspectivas, gesto esse que lhe desafiou a criar modos de reocupar as práticas pedagógicas e científicas, produzindo deslocamento no pensamento, inventando novos regimes de visualidade e criação com os elementos da natureza e ensaiando conexões inesperadas através de propostas diferenciadas, produzindo outros movimentos, formas, texturas, performances nas práticas científicas. Pode-se então, espremer das pedras e extrair dela novas possibilidades educativas, acessar suas pré-didáticas¹⁶ para pensar em outras práticas educativas.

Nas inúmeras narrativas poéticas encenadas através da experiência com as pedras os alunos puderam acessar a sua cartilha muda, onde a pedra nos ensina suas pré-didáticas. No poema “Educação pela Pedra”, o poeta João Cabral de Melo Neto (1996) menciona algumas lições da pedra. O poema nos ensina que para aprender a pedra é preciso frequentá-la.

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;

*

lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma¹⁷.

¹⁵ Fazemos referência ao poema “A educação pela pedra” de João Cabral de Melo Neto (1996).

¹⁶ Pré-didática – influenciados pelo poema de João Cabral de Melo Neto e dos poemas de Manoel de Barros, utilizamos esse termo para falar das práticas que desafiam a própria didática, trazendo ao ensino outras propostas que experimentam com o inédito, inusitado e com o infraordinário.

¹⁷ Em alguns poemas, por motivos estéticos preferimos não seguir as normas propostas pela revista.

Em outubro de 2017 (durante a visita do menino pesquisador à Universidade de Lleida), a senhora dos conceitos extraordinários propôs para o menino inclinado às ciências que arrastasse o extraordinário para dentro dos seus laboratórios; não era algo complicado, pois o extraordinário sempre esteve no interior de suas práticas com as ciências. O menino passou horas acordado pensando no conceito extraordinário e como apropriar de outras didáticas. Foi então que resolveu ensinar coisas di-menor através de algumas pedras e linhas vermelhas e pretas abandonadas pelo artista Chiharu Shiota na Fundação Sorigué em Lleida-ES. Com as pedras e linhas o menino construiu uma mandala, tal como faziam os primitivos, na intenção de ligar a terra ao cosmo. Naquele dia as pedras foram prestigiadas e receberam um banquete de imagens e foram tratadas como se tivessem vida. Entre as imagens estavam as fotografias do trabalho do artista Marcelo Moscheta, Jean Pierre Pierote Silva, Andy Goldsworthy, entre outras fotografias de artistas da Land Art.

O menino tinha um presságio que todas as formas de vida já habitaram nos cascos de uma montanha, que a origem provável da vida estava nas pedras, que durante muito tempo, ao rolar pelos vales e campos elas foram adquirindo diferentes formas animais, vegetais, minerais, etc.

Aquela didática das pedras ensinava coisas di-menor para os alunos da Pedagogia. Aquela atitude fóssil incentivava alunos e professores a ocupar os espaços da ciência com práticas nada convencionais e ao mesmo tempo arrastava as práticas de experimentação em ciência a certo limite. O ato de dar vida às pedras era um pequeno gesto estético.

As lições de pedra davam ensinamentos para além da cartilha, as pedras proliferavam ensinamentos de fora para dentro. A pedra analfabeta era pré-didática. O que pode se aprender da pedra? Uma pedra na Catalunha não é tão diferente de outra no Sertão da Bahia. "Tais semelhanças, porém, são diferentes. A semelhança entre as pedras é natural e involuntária" (BEUTTENMULLER *apud* FONTELES, 2008, p. 273).

Aprendi muitas coisas com as pedras. A pedra não ensinava nada além daquilo que entranha em sua alma. As pedras sempre foram seres favoráveis ao exercício didático, mas para acessar o saber da pedra seria necessária uma prática extraordinária. "Um saber que tem por forma a duração de sua aquisição e as coleções intermináveis dos seus conhecimentos particulares" (CERTEAU, 1994, p. 157).



Figura 06. Mandala das pedras.

A ideia da mandala das pedras surgiu quando o menino pesquisador se deparou com várias pedras que sobraram da exposição "In the beginning was...". O menino recolheu alguns novelos de lã vermelhos e pretos, que eram utilizados por Shiota em suas obras, e aos poucos foi envolvendo as pedras dando veia primitivas, resgatando formas tradicionais de manifestar as relações da vida. A mandala era um exercício de formas e forças na tentativa de romper a dicotomia entre o vivo e o não vivo, dando as pedras veias e artérias, formando um grande sistema vivo e complexo, onde as linhas ligavam as pedras às obras dos artistas contemporâneos. Ao fundo, na parede estava sendo projetado um vídeo arte "Areia Caindo" (vídeo de uma performance de Chiharu Shiota), onde o corpo da artista se banha com areia em uma banheira. Essas diferentes obras nos convidaram a falar sobre os processos da vida, suas transformações e seus afetos.

Tudo é movido pela potência do afeto. Na instalação de Chiharu Shiota, pedras não caem porque elas foram afetadas por lãs que as mantêm em suspensão. As pedras em suspensão através das linhas nos permitem estabelecer uma relação entre interno e externo, ou seja,

o universo e o cosmos e nós, assim pode construir redes de conexões entre as pedras e nós, malha. As pedras têm uma história de vida que construíram com a relação que tiveram com a água, com o vento. As pedras são o tempo todo afetadas por esses intemperismos físicos e químicos.

E isso nos leva a perguntar sobre o passado desta pedra, qual é sua história? O que é memória? E ter uma vida, porque ela é afetada por outros fatores, não uma vida metabólica, claro, mas a vida se estabelece na relação. As pedras são sistemas de informação, e são modificados pelo que está acontecendo.

Somos continuamente afetados por coisas, podemos estabelecer muitos relacionamentos interespecíficos. Há rochas em toda parte. Estas pedras existem graças a outros elementos, numa relação de conjunção, simbiose e metamorfoses, assim, como toda a vida. Nós acontecemos com o relacionamento com diferentes processos. E aqui podemos encontrar a alteridade.

Voltamos a falar dos alunos e do que eles tinham vivido e aprendido sobre as pedras durante sua formação, para relê-lo após a experiência gerada na Fundação Sorigué. Vai mudar a percepção das pedras e as relações com elas? Irão ver as pedras da mesma forma, depois dessa experiência? O que aprendemos com as pedras, mais do que podemos aprender sobre elas?

Cinta disse: *Empece a pensar cual era mi idea preconcebida de piedra, que era para mi una piedra? Como me hablaba? Que pasado tenia?*

Judith escreve: *"la educación por la piedra" Y nos preguntamos, que nos pueden enseñar las piedras?*

Juan comentou: *"Como maestros hemos de crear condiciones de aprendizaje donde los contenidos han de tener sentido para las personas que tienes delante. Pueden y deben devenir contenidos y conceptos vivos para todos"*.

A proposta feita pela equipe docente foi de propor um desafio: escolher uma pedra, presente na mandala, por grupo e/ou individual e pensar que tipo de intervenção poderia realizar, desse modo, continuaríamos a tecer novas narrativas sobre a história das pedras.

O grupo "Arrels i Brots" levaram duas rochas sedimentares conhecidas como seixos. No caminhar pelas margens do rio da cidade de Lleida, encontram inúmeros objetos, rastros e restos da humanidade contemporânea. Assim como as pedras sedimentares são formadas por inúmeras partículas, o grupo construiu uma pedra sedimentada pelos nossos resíduos e vestígios contemporâneos: plásticos, pilhas, papéis, documentos, lixos na margem do rio entre outros detritos.

Um das questões a serem desafiadas pelo grupo foi: Por que nos juntamos às pedras e aos resíduos? Como poderíamos estabelecer essas relações?

"Todas nosotras habiamos trabajado durante la escolarización las piedras pero no eramos capaces de dar una explicación de los procesos de formación de los guijarros y de las rocas sedimentarias. Nos sumergimos en un proceso de investigación para poder establecer relaciones entre residuos y sedimentación. El guijarro, roca sedimentaria se forma a partir de materiales sólidos que se acumulan en el fondo de los valles, de los rios, de los mares de los oceanos como consecuencia de procesos y fenómenos que afectan a la atmosfera, biosfera e hidrosfera. De la mano de Daniel canogar y su obra Vórtices con la cual hace una critica a la cultura consumista que se basa en el comprar, usar, tirar. Vórtice nos alerta del peligro de nuestra sostenibilidad por la gran generación de residuos que acaban en los rios y mares contaminando el agua. Es una obra que nos ayuda a hacer conexiones entre los residuos generados por los humanos y los sedimentos situando la acción humana como un proceso de sedimentacion provocado por la acumulación de residuos. Pusieron encima de la mesa los residuos que encontraron al lado del rio e intervinieron una de las dos piedras con ellos, creando um guijarro residual. Un cúmulo de residuos propios de las acciones cotidianas de los humanos puestos encima de la mesa para visibilizarlos, puestos en el agora, en la plaza pública, realzandolos para poder ser observados de forma distista a fin que nos empujen a tomar consciência y a cambiar nuestras formas de vida¹⁸"



Figura 07. "Mesa prática" sobre os resíduos encontrados, um diálogo com a obra de Sean Edwards.

¹⁸ Depoimento escrito pelo grupo na devolutiva do grupo sobre a experiência com as pedras. Optamos em deixar em espanhol.

Plásticos, papelão, cabos, chips eletrônicos, resíduos, que se derivaram em uma pedra. O grupo pensou que os arqueólogos, (aqueles que são responsáveis para o estudo sistemático dos restos materiais da vida humana extinta), no futuro iram contar nossas formas de vida através desses resíduos e lixos produzidos.



Figura 08. Pedra sedimentar contemporânea construída com os resíduos encontrados no rio.

Para realizar este projeto os alunos tiveram que estudar sobre os processos de sedimentação, erosão, estratificação, fossilização, desde rochas sedimentares que podem ser orgânicas de animais e vegetais. As pedras contemporâneas teriam processos parecidos a rochas sedimentares através da agregação dos restos de outros materiais de processamento pelo homem¹⁹.



Figura 09. Captura da imagem do projeto sedimentação, do grupo "Arrels i Brots".

¹⁹ Projeto Sedimentação. O que os arqueólogos do futuro pensaram sobre nós? <https://xealfar.wixsite.com/intervencioroca>

Os estudantes afirmaram: *"como nos dijo el professor Antonio, los estratos de las rocas nos explican su historia (sus procesos de vida, los factores externos que han podido actuar, agua, viento...) y observando cada piedra podemos hacer hipótesis de su recorrido. Lo que hemos aprendido con nuestro proyecto nos lleva a ir más allá de considerar la piedra como inerte y sin vida, hemos conseguido conectarla con nosotros y con la interacción que generamos con el medio natural. Nos atrevimos a afirmar que somos uno de los factores externos que intervenimos en su transformación"*.

E isso levou-os a estarem cientes da quantidade de resíduos que tinham nos espaços muito perto de suas casas e este fato incentivou-os a agir de maneira mais consciente em seus territórios.

Queriam estabelecer um paralelo entre o rio e suas pedras e os seixos residuais. Eles disseram:

"sin ser muy conscientes, con nuestro proyecto hemos empezado a romper las barreras entre lo vivo y lo muerto, a partir de las rocas residuales trabajamos la sostenibilidad de la especie humana con el planeta y conceptos como rocas, estratificación, sedimentación, erosión, fósiles que son propias de seres inertes".

O projeto ao mesmo tempo nos faz repensar sobre os projetos de sustentabilidade desenvolvidos em escolas, será que essas atividades estão ajudando a mudar nossas formas de vida?

Zoila, uma componente do grupo, relata: *"Cuando nos llega la piedra de la mano de Antonio, que nos propone continuar el dialogo con las piedras a partir de la actividad realizada en la fundació Sorigue, concretamos nuestro proyecto en el que relacionamos la sedimentación de las piedras con la sensibilidad"*.

Outro gesto menor proposto pela senhora do infraordinário foi de habitar a margem de um rio para fazer daquele espaço um ato didático. Naquele dia o menino e a professora aprenderam a fazer relações com a água, os peixes, a areia e as folhas. Aprendeu que a *"sabedoria pode ser que seja estar uma árvore", que o "peixe não tem honras nem horizontes", com tantos ensinamos trazidos pelo rio, o menino "queria ser lido pelas pedras"*²⁰.

Como o Grupo Sambitos²¹ que deslocou uma das pedras do rio Segre a 150km de Andorra onde o rio Valira é afluente do Segre. Um dos componentes do grupo, que é de Andorra,

²⁰ Trazemos ao longo do texto alguns trechos pescados do rio através dos poemas de Manoel de Barros no livro: Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

²¹ Grupo Sambitos formado por Cinta Arbonés, Ariadna Bonjorn, Thais Carbonell, Judith Fernandez, Andrea Lobo Cornadó, Maria Serveto y Joan Solsona.

nos indagou, se quando vemos um cascalho no rio nós não perguntamos sobre sua história e sua origem.

O menino aprenderá ver as folhas das árvores como uma linguagem e fazer dela uma prática pedagógica. As folhas tinham hábitos pré-didáticos e nos ensinavam a fazer conexões abstratas com a ciência, filosofia, arte e educação. Para muitos científicos²² aquela didática era superficial. O menino e a professora em diferentes momentos escutaram dos científicos: - Qual é o propósito de tal prática? Onde está a ciência nisso?

Ficamos com os (des) propósitos em fazer da prática educativa um espaço superficial, de vem da superfície, que é puro magma de possibilidades para movimentar toda crosta enrijecida pelo excesso de cientificidade, pois é na superfície, por meio de suas galerias rizomáticas, que se oxigena toda possibilidade de vida. A superfície existe, e resiste a uma falsa ideia de desorganização e precariedade, ela se inventa o tempo todo. A superfície abre as camadas mais internas através dos seus canais subterrâneos.

“Tudo para tratar do intangível, inexorável à condição, às formas, às manifestações humanas e o próprio homem em sua relação com as coisas” (QUEIROZ *apud* VAREJÃO, 2005, s/p).

Sim, nossas práticas são superficiais, pura malha rizomática que escapa de qualquer modelo arborescente.

Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 32-33).

O rizoma que é meio, que age na superfície, intermezzo, inter-ser, indiferenciado, nem começo nem fim: um ponto do rizoma é conectado a todos os outros pontos, fazendo das práticas extraordinárias um imenso manguezal que se espraia num entrelaçamento de matérias, imagens e pessoas, inventando através do encontro entre a arte e a ciências novas alianças, intercessões, vizinhanças (LINS, 2005).

Encontros entre arte, educação e ciências agem na superfície, desterritorializando e reterritorializando os espaços educativos e ao mesmo tempo abrindo possibilidades para

²² Professores de ciências na docência em ensino superior.

pensar nos fluxos rizomáticos que escapam do pensamento vertical para que brotem relações horizontais entre arte, ciência e educação.

Assim, as poéticas infraordinárias criam novas visualidades e movimentos interfronteiriços em sua superfície. Um (des) povoamento dos lugares de aprender para imaginar assim, uma potência exploratória e inventiva para com as forças sensoriais, subjetivas e existenciais nas práticas artísticas, científicas e educativas.

Naquele pequeno gesto superficial de dar “respeito às coisas desimportantes” o menino pode inventar outros modos de fazer ciência, e propor metodologias inventadas para corromper todo o controle e certeza didática. O rio, em sua pré-didática, nos ensinou que fazer arte e fazer ciências é apenas uma questão de se abrir à incontingência.

As pré-didáticas do infraordinário nos ensinavam o tempo todo que existem diferentes lugares de aprender, que era preciso re-territorializar e inventar outros espaços educativos. Essas pré-didáticas impulsionaram o menino em busca dos rastros de aprendizagem, ocupando diferentes espaços da cidade (os laboratórios, os museus, as galerias, as ruas, os rios, as salas de aulas, os pátios da Universidade), pois esses partilham de certa forma um princípio comum, todos são espaços abertos à criação, e ao mesmo tempo são espaços abertos a outras visibilidades.

Nomeamos neste artigo de diferentes maneiras, o que entendemos de poéticas do infraordinário, estas também podem ser nomeadas de pré-didáticas, laboratórios infraordinários, que são nada mais que práticas fronteiriças e outras maneiras de olhar o cotidiano através das novas composições e alternativas de se aproximar das práticas artísticas em contexto de aprendizagem. Pequenos gestos ainda não totalmente construídos trazem de certa forma um deslimite para a ciência.

Para Manning (2016), os “Minor gesture” ou “simples gestos” (tradução nossa) são tendências minoritárias, forças microativas envergadas para abrir novas perspectivas e modos de percepção daquilo que é diferente de si mesmo.

“Bringing thought into contact with its limit this way is a minor gesture. It is a minor gesture in that it activates a tendency already in germ and emboldens it toward altering of what that tendency can do” (MANNING, 2016, s/p).

Para autora, um pequeno gesto que muitas vezes passa despercebido, que opera um modo singular de existência, são forças dos desvios que orientam os aspectos artísticos, são operações transversais onde o humano não dá conta. Adotar um gesto menor é se abrir para novos modos de existência, é experimentar com o inédito, é propor novos agenciamentos, apostando na diversidade. Esse gesto é mais que estético, é um ato

político. É preciso criar um tom, uma cor, uma atmosfera de condições (tudo isso já é um afeto) para criação outros modos de vida.

O simples gesto pode ser algo muito próximo ao inframince, conceito trazido por Duchamp e estudado por Manning, "o mais ínfimo dos intervalos, ou a mínima das diferenças". O inframince é um gesto que não pode ser descrito como tal – "dele só é possível dar exemplos" (DUCHAMP *apud* MANNING, 2002, p. 22).

O inframince ou simples gesto passa por nós tão rápido que é preciso ter sensibilidade para sentir sua presença. O pequeno gesto valoriza o mínimo evento, valoriza o ínfimo e está nas práticas infraordinárias. É ele que faz a experiência de algo vivido como algo singular, é aquilo que produz uma diferença no acontecimento, mas não pode ser representado. O "simples gesto" é algo apenas para ser vivido e ou sentido.

Um gesto menor é um elemento indiscernível, flexível, sempre minoritário. "The minor invents new forms of existence, and them, in them, we come to be" (MANNING, 2016, p. 2).

Os laboratórios dos infraordinários em Lleida não pretendem revolucionar a ciência e nem sobrepor as práticas tradicionais de ensino de ciências, mas querem movimentar essas práticas para outras formas de pensar e fazer ciência.

Acho tão engraçado quando um procedimento científico já espera um determinado resultado. Pra mim isso é meio assim: como? Vai começar algo, como que você já determina ou espera que vai acontecer isso ou aquilo. Para mim é tirar tanta capacidade de ir além da curiosidade com coisas, que a gente também não tem controle das coisas.

Eu penso que perder o controle é fundamental. É perdendo o controle que os materiais trazem de volta para o curso. Ter controle é você determinar o curso, se você perde o controle, o ambiente ou o próprio curso vai trazer de volta para o que seria esse caminho. Acho que os cientistas mais ousados estão nessa, estão perdendo o caminho. Agora aqueles mais conservadores, que entendem que o mundo é A mais B igual a C , e que isso já está predeterminado, é uma ciência um pouco mais careca, que a gente vive, mas estão com os dias contados²³ (SILVA, 2018, p. 94).

Entendemos que cada vez mais se torna preciso inventar novos regimes de visualidade para práticas educativas, pensar que a arte contemporânea pode ser uma grande aliada nos procedimentos científicos, seja no método, conceito ou na linguagem, onde outras

²³ Trecho das conversas/entrevista com o artista Marcelo Moscheta, durante a exposição Erosão diferencial, em Campinas, julho de 2017.

práticas podem ser pequenos gestos, ações e movimentos quase imperceptíveis, mas que abalam a rígida crosta do saber racional, modelo de ciência rígido, controlado e preso a convicções e modelos autoritários²⁴.

Perder o controle, arriscar e experimentar outras metodologias são gestos que as práticas do extraordinário propostas pelos laboratórios em Lleida tentaram experimentar através das conexões entre arte, ciência e educação.

Essas interações e interconexões entre diferentes saberes se expressam nas práticas que inventam dispositivos operantes que abrem as fronteiras do conhecimento, libertando as práticas de ciências e pedagogia de sua verticalidade para um imenso horizonte de criação.

O conhecimento em educação, arte, ciência e filosofia não está dado por completo, o que vai dar as suas existências é a invenção de novas práticas no mundo. Práticas essas que permitiram abrir o mundo para um espaço infinito de criação. O elemento criatividade é essencial em práticas diferenciadas, algo que está presente tanto na ciência, como na arte e na educação.

Da mesma maneira, a ciência não é menos autorizada do que a arte para criar e experimentar com as diferentes poéticas e estéticas. Tanto ciência como arte estão expandindo fronteiras e, cada uma à sua maneira, estão experimentando criativamente para imaginar mundos de uma forma diferente, tentando encontrar novos caminhos, novos pensamentos e novas questões (SILVA, 2018, p. 9).

Uma prática de ensino de ciência que se abre e se conecta ao mundo da arte e experimenta outras possibilidades e metodologias na didática das ciências. Inventamos espaços para desenvolver práticas pedagógicas em diálogo com as ciências naturais experimentando e inventando outras práticas na/para contemporaneidade.

É nesses encontros que emerge as potencialidades e a necessidade de efetivar práticas inter e transdisciplinar, diante da formação de compartilhamento entre os dois professores de áreas distintas, que permitiu outros olhares para além do que a senhora do extraordinário tivera há dois anos atrás, com a mesma instalação de Chiharu Shiota. O menino trouxe outras propostas para pedras, dando às práticas em Lleida existências pré-didáticas.

Podemos perceber esses outros olhares nos depoimentos dos alunos.

²⁴ As metodologias de ensino de Ciências e Biologia historicamente fundam na prática de aulas expositivas na maioria dos casos e algumas vezes seguidas de atividades de experimentação, modelos didáticos, saídas de campo com objetivo principal de averiguar um determinado conteúdo e conceitos biológicos ou prática. "monismo metodológico" através do método científico rígido, utilitário e reprodutivista. O uso de metodologias de ensino reproduzidas sem que reflitamos sobre os processos e procedimentos científicos.

Ana Decia: *“Como puede ser que dos años antes no hiciera ninguna referencia a la ciencia? La obra estaba formada por piedras, piedras que forman parte de la tierra y de nosotros, porque nuestro cuerpo alberga minerales, pero no fui capaz de identificarlo como algo vivo, como algo que se podía mover y generar conocimientos y aprendizaje”.*

Laura escreveu: *“Nuestra interaccion con las aportaciones hechas en el aula con el profesor Antonio, nos ha ayudado a entender la ciencia desde otro punta de vista diferente. MI visión inicial de la ciencia es de una disciplina con una visión exacta que intenta describir y comprender la realidad de forma específica, concreta y metódica. La naturaleza la entendia como un espacio alieno a mi, que formaba parte de mi entorno pero no en mi interior.*

Esta idea empezó a variar con el conocimiento de artistas que trebajan el land Art, en que paisaje y obra artística está totalmente entrelazada, y otros artistas contemporáneos como Sebastião Salgado y el proyecto Genesis, o Miler Lagos”.

“Sentados alrededor de un mandala creado por el profesor Antonio se nos pedia que visualizáramos un rio, imaginando que éramos una piedra que bajaba impulsada por la fuerza del agua, y que chocaba y rebotaba con todo aquello que se encontraba, hasta que se paraba a un lado del rio. Que interactuaba con todos los seres vivos que se encontraba... y fue entonces cuando empecé a sentir que la piedra tenía una trayectoria mucho mas larga de la que pensábamos y que las ideas preconcebidas se truncaban al sentir que la piedra también tiene una vida y tiene vida. Y aprendimos a ver la vida con todo aquello que tiene que ver con flujos, con energías, con transición, con efectos”.

Ares escreveu: *“Las rocas que formaban parte del mandala eran guijarros con una morfología redonda. Todas las piedras estaban interrelacionadas con hilos rojos y negros y debajo de cada una habia imágenes que nos provocaban distintas relaciones. Creo que esta experiencia en el museo me permitioó cambiar la perspectiva de mi relación con las piedras. A lo largo de mi escolarización las piedras siempre las he trabajado en la categoría de materia inerte, dando mucha importancia a su clasificación y sus características. Con esta experiencia nos planteamos que nos pueden enseñar las piedras más que tenemos que aprender sobre las piedras i romper con la dicotomía que establecemos durante la escolaridad entre vivo y muerto”.*

As poéticas do extraordinário não estão na ciência, nem na arte, tão pouco na educação, mas em sua relação. As poéticas não estão no acervo; assim como a arte e ciência não está no acervo. A poética do extraordinário é, antes de tudo, relação.



Figura 10. Práticas do laboratório do Infraordinário na UEFS.

As poéticas do infraordinário alicerçadas na Espanha agora experimentam outros movimentos no Brasil, particularmente na Universidade de Feira de Santana-BA (UEFS), onde o menino arrasta o infraordinário para compor com os resíduos de uma biodiversidade taxidermizada disposta nas prateleiras dos laboratórios de zoologia, onde as coleções e vestígios de uma natureza déjà vu querem escapar dos comportamentos de eternidade. Toda aquela natureza conservada em camadas de formol e bórax podem agora compor

com outras materialidades, dando aquelas vidas sacralizadas outras imagens e composições²⁵.



Figura 11. Poéticas do Extraordinário na UEFS.

Em Lleida, continuamos a aprender em diferentes contextos e especificando os diferentes projetos, incorporando as perspectivas que foram tecendo e consolidando-se durante os meses de docência compartilhada. Esses encontros interfronteiriços ainda movimentam os grupos de pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana e o grupo Espai Híbrido na Universidade de Lleida para novas ações e perspectivas pré-didáticas do extraordinário. Essas e outras práticas interfronteiriças movimentam dois coletivos de pesquisa em educação, Espai Híbrido na Universidade de Lleida/Espanha e Carta-Imagem na Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia/Brasil.

Possibilidades de contato e intercâmbio entre práticas artísticas, científicas e educativas criam instâncias específicas de diálogo e convívio para transformação de ideias que vão além das fronteiras continentais, metodológicas e curriculares e fazem do exercício da pesquisa uma prática transversal e rizomática, através das metodologias ativas, combinações e dinâmicas de conceitos, métodos e materiais que desafiam as concepções tradicionais da ciência e da pedagogia. Tais práticas experimentam diferentes maneiras de

²⁵ Aqui exercitamos algumas experimentações estéticas com os animais do laboratório de zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA.

perceber o contemporâneo. Experimentam através dos processos artísticos novas estratégias de mediação cultural, dando possibilidades de ampliar o repertório cultural dos alunos, por meio das impressões, sensações e afetos. Assim essas poéticas vão além da mera metodologia e da didática, pois permite o desenvolvimento de propostas, construção de sentidos e diferentes interpretações da escola e do mundo.

(Inter)ferências

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. **A dobra, Leibniz e o barroco**. 2. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 2000.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FONTELES, B. **Cozinheiro do Tempo**. Rio de Janeiro: Petrobrás, 2008.

GRIPPO, V. Incertezas Vivas. **Catálogo Bienal de São Paulo**, 32, São Paulo, 2016.

JOVÉ, G. **Maestras contemporâneas**. Lleida. Publicaciones de la Universidad de Lleida. 2017.

LINS, D. Manguês school ou por uma pedagogia rizomática. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005.

MANNING, E. Por uma pragmática da inutilidade, ou o valor do inframince. **Galáxia**, São Paulo, n. 31, p. 22-40, abr. 2002.

MANNING, E. **The Minor Gesture**. Durham: Duke University Press, 2016.

MELO NETO, J.C. de. **Obra completa**. Vol. Único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

PEREC, G. **Lo infraordinario**. Trad. Mercedes Cebrián. Madrid: Impedimenta, 2010.

SILVA, A.A. da. **Laboratórios dos Despropósitos**: vestígios ecológicos entre arte e ciência. 2018. 1 recurso online (118 p.). Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:

VAREJÃO, A. **Entre carnes e mares**. Between flesh and oceans. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó Ltda, 2005.

ⁱ Gloria Jové Monclús, professora, pedagoga e doutora em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Conta com 28 anos de experiência na formação de professoras na Universidade de Lleida, é pesquisadora e tem publicado vários artigos e livros sobre a formação inicial de professoras. Nos últimos anos tem centrado sua investigação em torno do aporte da arte contemporânea para o desenvolvimento do currículo escolar e a formação docente. No marco do grupo de pesquisa Espai Hibrid desenvolve um projeto de formação inter e transdisciplinar, de aprendizagem em torno da arte contemporânea e com as instituições culturais do território para formar professoras reflexivas, criativas, críticas e inclusivas.

ⁱⁱ Antônio Almeida Silva é Doutor em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP), com a tese "Laboratórios dos despropósitos: vestígios ecológicos entre arte e ciência". Professor Assistente de Metodologia e Prática de Ensino de Biologia do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil. Membro participante do grupo de Pesquisa Carta-Imagem.

Como citar esse artigo:

MONCLÚS, Gloria Jové; SILVA, Antônio Almeida. Poéticas do extraordinário: encontros interfronteiriços entre arte, ciência e educação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 23-48, mai./ago. 2019.